

Tradições subjacentes ao texto do Pai Nosso no Evangelho de Mateus

Traditions underlying the text of the Lord's Prayer in the Gospel of Matthew

Flávio Henrique de Oliveira Silva³⁷⁵

Docente no PPG de Teologia da Faculdade Teológica Sul Americana

Resumo: O texto bíblico da oração que Jesus ensinou, conforme aparece no Evangelho de Mateus (6,9-13), estava envolto em um mundo marcado por uma série de tradições religiosas manifestas, dentre outras formas, por meio de textos pedagógicos e ritos litúrgicos. Daí, portanto, a hipótese de que a oração do Pai Nosso, quer seja nos lábios de Jesus ou nos escritos do evangelista, teria recebido influência de algumas destas tradições. O método histórico-crítico, por meio da crítica da tradição, se ocupa com a busca por algumas destas tradições e com o apontamento de similaridades que podem indicar um diálogo entre tradição e o texto bíblico que serve como objeto de pesquisa. É com esta tarefa que a presente pesquisa se ocupa, apresentando não apenas algumas anotações e resultados, mas também mostrando como a metodologia adotada pode ser desenvolvida e aplicada.

Palavras-chave: Pai Nosso, Exegese, Crítica da tradição.

Abstract: The biblical text of the prayer that Jesus taught, as it appears in the Gospel of Matthew (6:9-13), was surrounded by a world marked by a series of religious traditions manifested, among other forms, through pedagogical texts and liturgical rites. Hence, therefore, the hypothesis that the Lord's Prayer, whether on the lips of Jesus or in the evangelist's writings, would have been influenced by some of these traditions. The historical-critical method, through the critique of tradition, deals with the search for some of these traditions and pointing out similarities that may indicate a dialogue between tradition and the biblical text that serves as the object of research. It is with this task that this research deals with, presenting not only some notes and results, but also showing how the adopted methodology can be developed and applied.

Keywords: Our Father, Exegesis, Criticism of tradition.

Introdução

A pesquisa aqui apresentada parte do interesse em conhecer quais são as tradições subjacentes ao texto da oração do Pai Nosso no Evangelho de Mateus (6,9-13). Para tanto, a metodologia utilizada será a *crítica da tradição*, conhecida também como *história da tradição*, que conforme Lima, “procura identificar as tradições

³⁷⁵ Doutor em Teologia pela PUCPR, com pesquisas na área de Bíblia (Exegese/Novo Testamento). Mestre em Teologia pela PUCPR. Especialista em Teologia Bíblica pela PUCPR e em Estudos Teológicos pela Universidade Presbiteriana Mackenzie. Graduado em Teologia pela Faculdade Teológica Sul Americana e em Análise, Projeto e Desenvolvimento de Software pela Universidade Norte do Paraná. É docente do PPG em Teologia da FTSA.

subjacentes a um texto”³⁷⁶. Tal trabalho se dedica, diz ela, ao “estudo das tradições que estão por trás do texto”. Lima explica que “sendo a tradição um elemento fundamental nas culturas do Antigo Oriente Próximo e do Mediterrâneo da época do Novo Testamento, deve-se contar com seu influxo também nos textos bíblicos”. Além disso, “a identificação das tradições subjacentes a um texto pode trazer-lhes um novo horizonte para compreensão. [...] Desse modo, a crítica das tradições concorre para melhor compreender o texto e sua dimensão de sentido”.

Quem também escreve sobre a crítica da tradição no estudo dos textos sagrados é Mainville. Todavia, antes de falar sobre o método em si, ele faz duas considerações importantes. A primeira delas diz respeito à compreensão do que é uma tradição: “as tradições são o reflexo do modo pelo qual um povo compreende a si mesmo em ligação com seu passado e com seu sistema sociopolítico e religioso, e se transmite de diferentes maneiras: histórias, ditados, canções, poemas, códigos jurídicos, entre outros”³⁷⁷. A segunda consideração, diz respeito à relação entre a tradição e a Bíblia. A Bíblia, diz a autora, “engloba grande variedade de tradições cristalizadas em diferentes épocas. Se muitos textos bíblicos não têm uma pré-história, outros dão sinais evidentes de que cresceram e se desenvolveram a partir de influências recebidas”.

Feitas estas considerações primeiras, vale mencionar que as anotações que seguem têm por finalidade contribuir com a pesquisa exegética, em especial com as que partem do já consagrado método histórico crítico e seus adjacentes, como é o caso da crítica da tradição. Além das observações ao texto bíblico proposto, conforme segue, a intenção é mostrar como a crítica da tradição pode ser desenvolvida, indicando assim seus pressupostos e sua aplicabilidade. O texto:

9 - οὕτως οὖν προσεύχεσθε ὑμεῖς· Πάτερ ἡμῶν ὁ ἐν τοῖς οὐρανοῖς·
ἀγιασθήτω τὸ ὄνομά σου· Assim pois orai vós: Pai nosso o (que está)
em os céus, seja santificado o nome teu;

10 - ἐλθέτω ἡ βασιλεία σου· γενηθήτω τὸ θέλημά σου, ὡς ἐν οὐρανῷ
καὶ ἐπὶ γῆς· venha o reino teu; seja feita a vontade tua, como em (o)
céu também sobre (a) terra);

11 - τὸν ἄρτον ἡμῶν τὸν ἐπιούσιον δὸς ἡμῖν σήμερον· o pão nosso o
de cada dia dá a nós hoje;

12 - καὶ ἄφες ἡμῖν τὰ ὀφειλήματα ἡμῶν, ὡς καὶ ἡμεῖς ἀφήκαμεν τοῖς
ὀφειλέταις ἡμῶν· e perdoa a nós as dívidas nossas, como também
nós temos perdoado aos devedores nossos;

³⁷⁶ LIMA, Maria de Lourdes Corrêa. *Exegese bíblica: teoria e prática*. São Paulo: Paulinas, 2014. p. 143-144.

³⁷⁷ MAINVILLE, Odete. *A Bíblia à luz da História: guia de exegese histórico crítica*. São Paulo: Paulinas, 1999. p.112-113.

13 - καὶ μὴ εἰσενέγκῃς ἡμᾶς εἰς πειρασμόν, ἀλλὰ ῥῦσαι ἡμᾶς ἀπὸ τοῦ πονηροῦ. e não conduzas³⁷⁸ a nós para (a) tentação, mas livra a nós de o maligno.³⁷⁹

1 Jesus, Mateus e a Oração do Pai Nosso

O ponto de partida é o pressuposto defendido por estudiosos que advogam sobre a tese de que Jesus, indiscutivelmente, tinha acesso à tradição religiosa de seu povo e que, portanto, lhe eram familiares algumas orações judaicas compostas por palavras, expressões e estilos bem próximas à oração por ele ensinada. Diante disso, é bem provável a tese de que Jesus tenha sido influenciado pela tradição, que lhe era tão própria, quando ensinou a oração nos termos que o fez. Mas quem, de fato, se aproveitou da tradição teria sido o autor de Mateus, “um escriba judeu-cristão, helenista (de fala e cultura grega), que conhecia muito bem a Bíblia hebraica (em sua versão grega, a Septuaginta) e todas as tradições cristãs já existentes”³⁸⁰. Isso faz todo sentido, levando-se em consideração a comunidade mateana – os destinatários de seus escritos – composta por judeu-cristãos, e em constante diálogo com a comunidade judaica em seu entorno.

O redator de Mateus teria, então, utilizado como material para a sua obra a fonte dos ditos, mas também dialogado com tradições judaicas de onde buscou uma série de orações muito parecidas com a oração do Pai Nosso. Isso fica bastante evidente nos acréscimos do texto do evangelista em relação ao texto de “Q”³⁸¹. Isto é, o redator provavelmente partiu da Fonte “Q”, e, em seguida, acrescentou alguns termos que realçassem seus interesses particulares usando para isso o material da tradição, conforme detalhamento no final dessa seção.

É importante frisar que um trabalho dessa natureza, isto é, recorrer à tradição, compreende não apenas a uma relação textual (encontrar similaridade entre palavras e expressões). Outros aspectos, como o *Sitz im Leben* por exemplo, são levados em consideração. Dessa forma, como tais orações judaicas tinham na liturgia e na catequese o seu lugar vivencial, assim foi também com a oração do Pai Nosso na comunidade mateana. Aqui cabe apenas um parêntese indicando que a diferença, entretanto, estava na ressignificação destes espaços cujas indagações são: (a) não

³⁷⁸ O uso do verbo εἰσφέρω (εισενέγκῃς – conduzas), por diversas razões, é bastante discutido em várias tradições cristãs. “Após décadas de debates internos, a igreja Católica Francesa introduzirá em sua liturgia uma nova tradução do Pai Nosso que substitui a sentença «*et ne nous soumetts pas à la tentation*» por «*et ne nous laisse pas entrer en tentation*»” (NOFFKE, Eric. Non induci-non esporci: alla ricerca di un verbo. *Riforma*, mai. 2017, trad. minha). *A nova forma, “não nos deixe cair em tentação”, é a mesma utilizada por algumas traduções de nossas Bíblias, em língua portuguesa, como é o caso da versão Almeida, revista e atualizada.*

³⁷⁹ BÍBLIA. Novo Testamento Interlinear: grego-português. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2004. p. 20). Texto grego utilizado por este material: The Greek New Testament – Quarta edição revisada. Texto em português: tradução literal. Texto grego em harmonia com a última versão publicada do Novum Testamentum Graece - Nestle-Aland (28 ed.).

³⁸⁰ RICHARD, Pablo. O Evangelho de Mateus: uma visão global e libertadora. *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana*, n. 27, p. 7-28, 1997. p. 8.

³⁸¹ Q é uma abreviação de *Quelle* que em alemão significa fonte. Konings explica que essa fonte é uma “coleção de pequenas sentenças de Jesus (Fonte dos Ditos de Jesus)”. Trata-se do material que o Evangelho segundo Lucas e o Evangelho de Mateus têm em comum e que não aparece no Evangelho segundo Marcos. “Quando Mt e Lc trazem um texto nitidamente paralelo, sem que este apareça em Mc, eles o tiraram de Q”. KONINGS, Johan. Sinopse dos Evangelhos de Mateus, Marcos e Lucas e da Fonte “Q”. São Paulo: Loyola, 2005. p. x.

seriam as sentenças da oração do Pai Nosso, além de textos litúrgicos e catequéticos, discursos de engajamento frente aos desafios da injustiça no contexto da comunidade mateana? (b) a oposição entre Evangelho e o modelo religioso dos fariseus significou apenas uma forma diferente de oração no momento litúrgico?³⁸² (c) ou pode ser compreendido como a recuperação do verdadeiro sentido do ato cútico e sua íntima relação com a vida, conforme já haviam alertado os profetas literários do Antigo Testamento?³⁸³.

O uso das tradições, em uma perspectiva de releitura/atualização, faz do redator não apenas um mero compilador, mas um intérprete que à luz das demandas de seu contexto avançou em relação à tradição, ressignificando o que era comum e deixando transparecer sua própria identidade teológica naquilo que era novo. Como exemplo, serve a própria oração em Mateus posicionada propositalmente em um bloco literário (capítulo 6), cujo tema teológico predominante é a justiça. Ao que tudo indica, a mensagem de Mateus apontava para a ideia de que “orar para que Deus atue é convocar a uma manifestação da justiça”³⁸⁴.

2 Mateus e a Tradição

Um pano de fundo interessante para o estudo da relação entre Mateus e o material da tradição ao seu dispor é o dado de que o contexto do evangelista estava marcado pelo conflito entre a comunidade judaico-cristã nascente (comunidade de Mateus) e um grupo de judeus remanescentes da guerra judaica contra Roma. Esse grupo era composto pelos fariseus, escribas e mestres da lei. Essa tensão, conforme Zeilinger, era fruto do esforço desse grupo de eruditos “pela consolidação da tradição escrita e oral; com isso, também, o estabelecimento de uma linha de combate contra todos os que interpretassem ou se ocupassem das Sagradas Escrituras a partir de outra perspectiva”³⁸⁵.

As pesquisas de Richard destacam que “estes rabinos fariseus fundaram a Academia ou Sinédrio de Jâmnia ou Jafne, onde se dedicaram de forma exclusiva a comentar a lei”³⁸⁶; e que “pouco a pouco nasceu aqui o chamado judaísmo rabínico”. Através de pesquisas arqueológicas, Tannenbaum (*trad. minha*) esclarece que “fragmentos de evidências dos dois primeiros séculos da era cristã parecem mostrar que o judaísmo da diáspora não era completamente compatível com o judaísmo rabínico”³⁸⁷. O autor explica que “havia algumas diferenças na liturgia (algumas sinagogas na diáspora parecem ter tido um livro de orações independente) e outras diferenças na teologia (alguns judeus pregavam uma divindade filosófica à maneira dos

³⁸² E, quando orardes, não sereis como os hipócritas (Mt 6,5-8)... Portanto, vós orareis assim (Mt 6,9).

³⁸³ Isaías 1,10-17; 58,1-10; 66,1-9; Jeremias 7,1-11; 22,13-23; Ezequiel 34,1-10; Amós 5,21-27; Miquéias 6,1-8, entre outros. Em linhas gerais, estes textos abordam a relação entre a prática litúrgica e o compromisso com a vida. Elementos indissociáveis, segundo revela a literatura profética, a partir do que considera ser a vontade de Iahweh. Naquele contexto, havia-se instalado uma clara contradição entre uma coisa e outra. Exigia-se, portanto, coerência absoluta entre cultivar o nome do Senhor e andar retamente tendo o exercício da justiça como fundamento.

³⁸⁴ CARTER, Warren. *O Evangelho de São Mateus: comentário sociopolítico e religioso a partir das margens*. Tradução de Walter Lisboa. São Paulo: Paulus, 2002. p. 221.

³⁸⁵ ZEILINGER, Franz. *Entre o céu e a terra: comentário ao Sermão da Montanha (Mt 5-7)*. Tradução de Paulo Ferreira Valério. São Paulo: Paulinas, 2008. p. 12-13.

³⁸⁶ RICHARD, 1997, p. 8, 9.

³⁸⁷ TANNENBAUM, Robert F. Jews and God-fearers in the Holy City of Aphrodité. *Biblical Archaeology Review*, v. 12, n. 5, p. 54-57, 1986. p. 55.

estóicos)”. Por fim, conta também que “pode ter havido algumas diferenças na lei: Filon de Alexandria, filósofo judeu do primeiro século, cita regras legais que discordam ou ignoram regras mais tarde codificadas na Mishná”.

Segundo Richard, “a tendência no judaísmo rabínico foi para interpretação única da lei, que excluía todas as outras tendências e tradições. [eles se apresentavam] como a única reconstrução autêntica e legítima da tradição de Israel depois da crise do ano 70”³⁸⁸. Essa postura, sem dúvida, impactou diretamente o trabalho de redação de Mateus, bem como a vida da comunidade nascente. Além disso, é, certamente, um bom indicativo dos fatores que desencadeavam a oposição e o conflito com o judaísmo rabínico (ou judaísmo formativo)³⁸⁹. Na opinião de Mateos³⁹⁰ isso justifica a atenção que o redator dos textos mateanos devota à crítica da “piedade farisaica e à interpretação casuística da lei”³⁹¹.

Ao fazer a leitura desse contexto de hostilidades, Zeilinger aposta na hipótese de que “Mateus fornece uma porção de provas escriturísticas que parecem aceitáveis na discussão com escribas não cristãos”³⁹². Isso pode dar indícios de que os escritos de Mateus respondiam aos judeu-cristãos (e os demais membros dessas comunidades) em suas questões intracomunitárias³⁹³, mas que, além disso, continham objetivos dialógicos, ainda que confrontadores, com o judaísmo rabínico. Especialmente na releitura que Jesus fez da Torá, no Sermão da Montanha.

Se a hipótese de Mateos e Zeilinger se confirma por um lado, não pode negar, por outro lado, a relação entre os textos do Evangelho de Mateus e a tradição judaica, como é o caso das orações judaicas já mencionadas e, também, a tradição judaica contida nas páginas do Antigo Testamento. Ao contrário disso, “Mateus é, certamente, sob um aspecto, uma interpretação da Bíblia judaica, que é ela mesma, como a temos,

³⁸⁸ RICHARD, 1997, p.8, 9.

³⁸⁹ Alguns autores divergem entre judaísmo formativo e judaísmo rabínico. Overman, por exemplo, entende que nesse ponto da história o judaísmo é, ainda, um movimento formativo. Por isso, prefere a expressão judaísmo formativo. Segundo o autor, o judaísmo formativo “não deve ser compreendido como sinônimo do judaísmo rabínico, que começou a surgir cerca de cem anos depois da escritura do Evangelho de Mateus” (OVERMAN, Andrew. *O Evangelho de Mateus e o judaísmo formativo: o mundo social da comunidade de Mateus*. Tradução de Cecília Camargo Bartalotti. São Paulo: Loyola, 1997. p. 14).

³⁹⁰ MATEOS, Juan. CAMACHO, Fernando. *Jesus e a sociedade de seu tempo*. Tradução de I.F.L. Ferreira. São Paulo: Paulus, 1992. p. 9.

³⁹¹ “Na época da escritura do Evangelho de Mateus, os dois grupos, o judaísmo formativo e o judaísmo de Mateus, estavam evidentemente em competição e, ao que parece, o judaísmo formativo estava ganhando terreno. Isso tem um impacto significativo na forma e no conteúdo do Evangelho de Mateus. Muitos dos desenvolvimentos na vida da comunidade de Mateus ocorriam em resposta ao impacto que um judaísmo formativo em organização e consolidação estava tendo sobre as pessoas da comunidade e sobre seu mundo” (OVERMAN, 1997, p. 14).

³⁹² ZEILINGER, 2008, p. 12-13.

³⁹³ Ao que tudo indica, a comunidade mateana era composta por judeu-cristãos, mas considera-se a hipótese de contarem, também, com gentios-cristãos. É o que sugere Vielhauer ao observar que “a comunidade da qual e na qual surgiu o Evangelho de Mateus dá a impressão de ser uma comunidade mista, na qual a parcela cristã judaica ainda não se separou totalmente da sinagoga e se encontra em veemente conflito com o judaísmo” (VIELHAUER, Philip. *História da literatura cristã primitiva: Introdução ao Novo Testamento, aos Apócrifos e aos Pais Apostólicos*. Tradução de Ilson Kayser. Santo André: Academia Cristã, 2005. p. 395).

uma interpretação de tradições precedentes. E posteriormente cada geração pôde lê-lo de modo diverso”³⁹⁴. É exatamente o que explica Carter quando escreve:

Jesus não revela a vontade de Deus para a comunidade *ex nihilo*. Ele interpreta as tradições (5,21-28) e apela para a antiguidade, a vontade de Deus “desde o começo” (19,3-6), e ao ensinamento de Moisés (8,1-4), Davi (12,3; 22,42-45) e os profetas (9,10-13). Estes apelos se aglutinam com os princípios interpretativos de Jesus expressos em 5,17-20. Ele não veio abolir as Escrituras. Mais exatamente, usando a linguagem dos debates políticos gregos da constituição e leis de um estado ou nação, ele veio para “dar pleno cumprimento”, para interpretar apropriada e justamente a lei existente e os profetas (5,17). Jesus é o intérprete definitivo e fidedigno para os discípulos (5,21-48; 7,23-27; 12,46-50), enquanto seus oponentes, os líderes religiosos, são torpemente deficientes, pois não conhecem “nem as Escrituras nem o poder de Deus” (22,29).³⁹⁵

Gabel e Wheeler também discutem o assunto e chegam à conclusão de que “o Evangelho de Mateus é dirigido a leitores que tinham de estar, tal como ele, convencidos da autoridade do Antigo Testamento”³⁹⁶. Na compreensão dos autores, “não somente passagens curtas, frases e locuções, mas até palavras isoladas, podiam ser retiradas de contexto e examinadas do ponto de vista de suas implicações proféticas”³⁹⁷.

Em harmonia com a tese de Gabel e Wheeler, Boring escreve que “a Bíblia é o único conjunto de documentos que seguramente, estava presente na comunidade de Mateus e que exerceu uma profunda influência sobre a composição do seu Evangelho”³⁹⁸. Ele, então, defende que as “tensões de Mateus com a comunidade judaica não implicam em uma diminuição de seus interesses pelas Escrituras Judaicas. Pelo contrário, ele estava interessado em mostrar que as Escrituras Judaicas encontram o seu cumprimento em Jesus e na igreja”. Na sequência de suas pesquisas, ele mostra:

Mateus cita diretamente a Escritura quarenta vezes com uma indicação explícita do tipo “está escrito” (*e.g.*, Mt 4,4 = Dt 8,3). Mateus também contém várias citações diretas, não explicitamente identificadas (*e.g.*, 27,46 = Sl 22,1; seu número exato depende de quão estritamente alguém distingue entre citação e alusão),

³⁹⁴ ALTER, Robert; KERMODE, Frank. *Guia literário da Bíblia*. Tradução de Raul Fiker. São Paulo: Unesp, 1997. p. 431.

³⁹⁵ CARTER, 2002, p.27.

³⁹⁶ GABEL, John; WHEELER, Charles. *A Bíblia como literatura*. 2 ed. Tradução de Adail Ubirajara Sobral e Mana Stela Gonçalves. São Paulo: Loyola, 2003. p. 179.

³⁹⁷ “O Antigo Testamento de Mateus estava escrito em grego, e não em hebraico. Acompanhando a tendência da totalidade dos cristãos de sua época, Mateus considerava a tradução de que dispunha (a Septuaginta) dotada da mesma autoridade da versão hebraica. Na época, naturalmente, o Antigo Testamento não era conhecido por esse nome” (GABEL; WHEELER, 2003, p. 179).

³⁹⁸ BORING, Eugene. *Introdução ao Novo Testamento: história, literatura, teologia -Volume II: Cartas Católicas, Sinóticos e Escritos Joaninos*. Tradução de Adenilton Tavares Aguiar. Santo André: Academia Cristã; São Paulo: Paulus, 2015. p. 966.

perfazendo um total de sessenta e uma citações diretas em vinte e oito capítulos, além de uma infinidade de paráfrases bíblicas, alusões e imagens. O Novo Testamento grego Nestle-Aland enumera 294 alusões, o que resulta em mais de dez vezes por capítulo.³⁹⁹

A relação dos textos mateanos com o Antigo Testamento, além de servirem aos propósitos já mencionados, acentuam o caráter narrativo do Evangelho de Mateus e as características que lhes são próprias. Kermode defende que “a narrativa, dada a extraordinária novidade da vida, deve ser nova e assombrosa; mas ela deve também estar de acordo com dados a serem procurados no Antigo Testamento. Na verdade, essa concordância é a fonte mais profunda de sua assombrosa novidade”⁴⁰⁰. Ao detalhar sua tese, afirma que as narrativas de Mateus “são mais bem pensadas como composições narrativas livres, baseadas em dados selecionados do Antigo Testamento”. Já em seu comentário a respeito dos resultados do método narrativo, Kermode explica: “tem algo em comum com o *midrash aggadah* hebraico, em que novas ornamentações narrativas podiam ser proporcionadas para atualizar ou ampliar a história original. Aqui, porém, o propósito é mostrar que as verdadeiras implicações da história antiga são apenas agora trazidas à luz, realizadas na nova revelação”. Kermode pontua ainda,

Sua relação [do Evangelho de Mateus] com o material do Antigo Testamento é quase sempre do mesmo tipo. Ele concede ao texto antigo santidade e sua força perpétua, mas sempre supondo que em um sentido importante ele não está completo em si mesmo. O evento ou dito antecipado no texto antigo é cumprido no novo, e o novo é, portanto, validado por ele; mas também o contém e o transcende.⁴⁰¹

A ideia de uma “nova revelação”, a que se refere Kermode, faz todo sentido se compreendida como indicativo da ressignificação dada nos discursos de Jesus, quanto à lei, os ritos e o modo de vida dos seguidores de Iahweh. Nesse aspecto, o Evangelho de Mateus, conforme Gabel e Wheeler, “é notável pela quantidade de refinados ensinamentos éticos, com ênfase no amor fraterno e no perdão”⁴⁰². Partindo de todos esses dados fundamentais, conclui-se que, ao utilizar a tradição (quer seja o Antigo Testamento, ou as orações e expressões judaicas harmônicas com o texto da oração do Pai Nosso), o autor de Mateus não apenas reproduziu o que tinha em mãos, antes, porém, a ressignificou, à luz de uma nova revelação, cujo fundamento era a ética e o paradigma ético a própria pessoa de Jesus.

O Sermão da Montanha é uma boa prova do exercício mateano em lidar com a tradição à luz de uma “nova revelação”. Estudiosos defendem que a construção desse discurso está vinculado ao tema da justiça (*δικαιοσύνη*), inicialmente com base na

³⁹⁹ BORING, 2015, p. 981.

⁴⁰⁰ ALTER; KERMODE, 1997, p. 424-425.

⁴⁰¹ ALTER; KERMODE, 1997, p. 418.

⁴⁰² GABEL; WHEELER, 2003, p. 180.

leitura de Mateus 5,20⁴⁰³: “Porque vos digo que, se a vossa justiça não exceder em muito a dos escribas e fariseus, jamais entrareis no reino dos céus”⁴⁰⁴. Ao comentar este texto, Kermode atenta para a necessidade de lê-lo à luz das bem-aventuranças e sua proposta paradoxal: “abençoados são os pobres, lamentadores, o fraco, o perseguido, o ultrajado.”⁴⁰⁵ Na percepção do autor, “a retidão dos que ingressariam no reino deve ultrapassar a dos fariseus”; primeiro, na medida em que a comunidade percebe-se a si mesma nestas condições, mas especialmente no trato com os que assim se encontravam graças àquele ambiente de injustiças⁴⁰⁶.

Na sequência, ainda no capítulo 5, uma série de assuntos são tratados, sempre a partir da expressão: “Ouvistes que foi dito aos antigos”. A expressão se repete por cinco vezes, tratando dos seguintes temas: homicídio (v.21); adultério (v.27); juramentos (v.33); vingança (v.38); amor (v.43). Todas elas são acompanhadas da resposta: “Eu, porém, vos digo...”⁴⁰⁷. Seguindo pelo texto, o capítulo 6 está delimitado

⁴⁰³ Em seu comentário sobre este texto, Theissen considera o fato de que “nesses e em outros traços, nota-se sempre mais, que o Evangelho de Mateus, mais do que o Evangelho de Marcos, quer ser cumprimento e continuação do universo simbólico judaico. O Jesus mateano quer “dar cumprimento” programaticamente à lei e aos profetas (5,17). Se o cristianismo mateano se delimita em relação ao judaísmo, o faz mediante a interpretação do universo simbólico comum: acima de tudo, das Escrituras bíblicas comuns, com suas promessas e exigências. O motivo decisivo está formulado programaticamente no Sermão da Montanha: “Se a vossa justiça não ultrapassar a dos escribas e a dos fariseus não entrareis no reino dos céus” (5,20). No confronto com os judeus, os cristãos devem representar a melhor interpretação dos mandamentos da Torá. Mas também, ali onde eles são concordes na interpretação, devem agir melhor do que os fariseus e os doutores da lei. De acordo com 23,1-3, eles devem praticar o ensinamento dos escribas, “mas não imiteis suas ações, pois dizem, mas não fazem (23,3)”. THEISSEN, Gerd. *A religião dos primeiros cristãos: uma teoria do cristianismo primitivo*. Tradução de Paulo F. Valério. São Paulo: Paulinas, 2009. p. 244.

⁴⁰⁴ “A indubitavelmente experimentada oposição à justiça “dos escribas e dos fariseus (v.20b) reside no uso da antítese como forma linguística retórica da antiguidade, utilizada também amiúde pelo judaísmo contemporâneo. As seis antíteses mateanas correspondem, pois, a um método de argumentação rabínico, sobretudo tanaítico, que a uma determinada teoria contrapunha ou opunha outra. Trata-se, portanto, de figuras retóricas fixas. Em tal caso, não se trata jamais de um questionamento da Torá, sacrossanta para ambos os altercadores, mas sim de suas atualizações, eventualmente contraditórias ou divergentes, para a orientação concreta da vida”. [...] O Mestre, sobre a montanha, não revoga a lei; ao contrário, aprofunda a instrução divina à medida que, servindo-se de exemplos, interpreta-a e atualiza-a radical e essencialmente” (ZEILINGER, 2008, p. 92).

⁴⁰⁵ ALTER; KERMODE, 1997, p. 421.

⁴⁰⁶ Theissen explica que “essa ética da justiça melhor sobressai-se não somente do mundo judaico circundante, mas também do pagão. Isso é enfatizado no mandamento do amor ao inimigo. O que alguém faria de extraordinário se fosse gentil apenas com seus irmãos: “Não fazem os gentios também a mesma coisa?” (5,47). É preciso distinguir-se deles, igualmente, na oração (6,7) e no trato com as preocupações cotidianas (6,31). Em ambas as direções, quer em relação aos judeus, quer em relação aos gentios, deve-se praticar a justiça melhor. Com isso, o Evangelho de Mateus defende uma moral francamente aristocrática. A meta de sua ética não é o bom, mas o melhor”. O autor então indaga: “em que consiste, pois, esta justiça melhor?” A resposta, diz ele, “é dada pelo Sermão da Montanha. Nele se encontra cinco vezes a noção de “justiça”, presumivelmente em todos os lugares na redação mateana (5,6; 5,10; 5,20; 6,1-33). Para além disso, fora do Sermão da Montanha, acha-se apenas mais duas vezes, ligadas ao Batista (3,15; 21,32) – um sinal de quão pouco a comunidade mateana reivindica essa justiça exclusivamente para si. Ela se esforça pela mesma justiça como todos os demais, mas deseja superar os outros mediante uma justiça melhor” (THEISSEN, 2009, p. 244).

⁴⁰⁷ Para Theissen, “as antíteses (5,21-48) demonstram uma grande liberdade perante a tradição – independente daqueles contra quem o poderoso “Eu, porém, vos digo” se volta, se contra Moisés (e contra a Torá) mesmo ou contra seus intérpretes (nos quais, no nível redacional, Mateus deve ter pensado). As antíteses ensinam, ao mesmo tempo, uma enorme liberdade diante dos afetos interiores –

pela temática da justiça. Subentende-se, portanto, que todo o trabalho de ressignificação das temáticas em relação à tradição, é proposto a partir da δικαιοσύνη. Desde o primeiro versículo – “Guardai-vos de exercer a vossa justiça diante dos homens...” – até o penúltimo (v.33) – “buscai, pois, em primeiro lugar, o seu reino e a sua justiça...” – a temática da justiça acompanha os diversos temas abordados sempre à luz de uma releitura de antítese à compreensão da tradição.

Quanto à oração, mais precisamente, a expectativa em torno do orante-aprendiz era o avanço em relação à tradição – já que textos desta natureza cabiam apenas em momentos particulares de catequese e liturgia; a prática, por sua vez, era marcada por distorções, conforme indicam os versículos 5-8, no capítulo 6. O desafio, portanto, era para que cada orante-aprendiz assumisse um compromisso ético que, naturalmente, incluía a prática da justiça, orientado por cada uma das petições e bem ao modo de vida daquele que lhes ensinava.

3 Orações e Celebrações Judaicas

Outra pista interessante que se encontra entre os pesquisadores é a defesa da existência de uma relação entre o texto da oração nos Evangelhos e algumas tradições judaicas. Essa tese vem do campo das pesquisas bíblicas, que indica uma contundente hipótese de que o texto da oração do Pai Nosso recebeu influências de outras orações judaicas, não sendo, portanto, original. Stern explica que “esses elementos [encontrados na oração do Pai Nosso] podem ser encontrados no judaísmo da época”. O autor destaca que as primeiras palavras, “Pai nosso que estás nos céus”, “abrem muitas orações hebraicas”. Ele argumenta, ainda, que as duas linhas seguintes “lembram a primeira parte da oração da sinagoga conhecida como *Kaddish*”. Stern apresenta a seguinte versão: “Magnificado e santificado seja seu grande nome por todo o mundo que criou de acordo com sua vontade, que possa estabelecer seu reino em seu tempo de vida...”. Chama a atenção a explicação do autor a respeito das expressões plurais: “perdoa-nos”... “induza-nos”... “livra-nos”. Sua tese é de que estes termos são “caracteristicamente judaicos, focalizando no grupo, e não no indivíduo isolado”⁴⁰⁸.

Evans e Porter explicam o *Kaddish* como sendo “uma oração para o futuro estabelecimento do supremo reinado de Deus na terra”⁴⁰⁹. Começou, segundo os autores, “como uma oração popular recitada nas casas de estudo e era recitada na conclusão do estudo diário da Torá, fundamentalmente como uma expressão de esperança para um tempo em que Deus será reconhecido e aceito por todos”. Por fim, destacam as muitas variações da oração e seus antigos versos em aramaico, que expressam claramente o conceito rabínico de santificar o nome de Deus (*Kiddush ha-Shem*).

Joachim Jeremias, por sua vez, esclarece que o *Kaddish* (ou *Kaddish*) era usado na liturgia sinagoga, estava formulada em aramaico e que Jesus estava familiarizado com ela.⁴¹⁰ As informações do autor pretendem reforçar a tese da influência do *Kaddish*

em relação à agressividade e à sexualidade – bem como no procedimento diante da agressão sofrida passivamente” (THEISSEN, 2009, p. 244-245).

⁴⁰⁸ STERN, David. Comentário Judaico do Novo Testamento. Tradução: VV.AA. São Paulo: Didática Paulista; Belo Horizonte: Atos, 2008. p. 57.

⁴⁰⁹ EVANS, Craig A.; PORTER JR, Stanley E. (ed.). *Dictionary of New Testament background: a compendium of contemporary biblical scholarship*. InterVarsity Press, 2010. p. 651 (trad. minha).

⁴¹⁰ JEREMIAS, Joachim. *Teologia do Novo Testamento*. Tradução de João Rezende Costa. São Paulo: Hagnos, 2008. p. 293-294.

sobre a oração do Pai Nosso. Suas pesquisas mostram algumas diferenças em relação a versão apresentada por Stern (no parágrafo anterior). Assim diz a oração: "Glorificado e santificado seja seu grande nome, no mundo que ele fez segundo a sua vontade. Ele faça dominar o seu reino durante o tempo de vossa vida e em vossos dias e durante o tempo de vida de toda a casa de Israel. Louvado seja o seu grande Nome de eternidade em eternidade. E a isto, dizei: Amém".

Hadadd fez vários apontamentos acerca das características do *Kaddish* e concentrou boa parte de sua pesquisa na relação entre a oração judaica e a oração do Pai Nosso. Sua discussão começa pelo *Talmud*, ainda que não cite diretamente o *Kaddish*.⁴¹¹ Entretanto, conforme bem destacou o autor, o *Talmud* se refere ao *Kaddish* através do seguinte ensinamento: "Rabi Josué filho de Levi diz: 'Quem responde que Seu nome seja abençoado (fórmula central do *Kaddish*), com todo o seu fervor, se lhe anula (no céu) todos os maus decretos'. Resh Laquish diz: 'as portas do Éden lhe são abertas'" (TB *Shabot* 119 b). Na sequência de seus estudos, Haddad cita aquilo que classificou como a "a versão mais antiga conhecida do *Kaddish*"⁴¹².

Que engrandecido e santificado seja Seu grande Nome (amém). Neste mundo que Ele criou segundo Sua Vontade, que reine Seu reino (amém). Em nossas vidas e em nossos dias de toda a Casa de Israel agora e num tempo próximo, e dizei amém. Que seu grande Nome seja abençoado, pela eternidade, de eternidade em eternidade; que Ele seja abençoado, exaltado, elevado, engrandecido, louvado sem grande Nome, Ele que está acima de toda bênção, de todo louvor, que expressá-lo se possa neste mundo, e dizei amém.⁴¹³

Conforme já apontado, a ênfase dos estudos de Haddad é a relação entre o *Kaddish* e a oração do Pai Nosso. Para o autor, "o início do *Kaddish* ressoa com o Pai Nosso, com a diferença que Jesus fala na segunda pessoa e o *Kaddish* se expressa na terceira. Além disso, diz ele, o *Kaddish* acrescenta "que seja engrandecido" na santificação do Nome"⁴¹⁴. A hipótese de Haddad, nesse caso, é de que "a fonte das duas formulações se encontra seguramente em Ezequiel: "Engrandecer-me-ei, me santificarei e me darei a conhecer aos olhos de muitas nações e elas reconhecerão que Eu sou o Eterno" (Ez 39,23). Aqui e lá, no final, Deus se só".

Haddad observa, também, que a petição para que a vontade do Pai seja feita "na terra como no céu" encontra paralelo no *Kaddish*. A diferença apontada pelo autor é de que a oração judaica "sublinha que este mundo traduz a vontade divina, o que não

⁴¹¹ HADDAD, Philippe. *Pai Nosso: uma leitura judaica da oração de Jesus*. São Paulo: Fons Sapientiae, 2017. p. 113-116.

⁴¹² Conforme Hadadd, essa é a "versão mais antiga conhecida do *Kaddish*, aquela de Rav Amram Gaon" ("Mestre babilônico morto em 875, compilador de um dos primeiros livros de oração judaicas. Permanece, porém, em aberto a questão entre os especialistas a fim de saber se o *Kaddish*, na sua fórmula atual, é anterior ao Pai Nosso ou não") (HADDAD, 2017, p. 113).

⁴¹³ "Esta fórmula invariável é prolongada por diferentes parágrafos em função das circunstâncias. Fala-se então do *Kaddish* do cemitério (logo após o sepultamento), do *Kaddish* dos órfãos (durante o ano de luto), *Kaddish* dos rabinos (no fim de um estudo) e *Kaddish* da acolhida favorável (fim de uma oração). É aqui que é mencionado o Pai Nosso segundo a fórmula "que nossa oração e nosso pedido sejam agradáveis e recebidos por nosso Pai que está no céu [e na terra] e dizei amém" (HADADD, 2017, p. 114).

⁴¹⁴ HADADD, 2017, p. 114.

exclui a concepção de um fim pleno”⁴¹⁵. Para o autor, “aqui está o vínculo com o Pai Nosso”.

Na sequência de seus estudos, Haddad pergunta também pelo pedido do pão.⁴¹⁶ A petição não faz parte do *Kaddish*, mas, segundo o autor, se encontra em diversas orações judaicas. Como exemplo, cita a Amidá⁴¹⁷, especialmente no que se refere a subsistência (“nona bênção”). “O pedido ocupa todo um parágrafo, eis um extrato: “Abençoa, ó Eterno, este ano... propicie o orvalho e a chuva para a terra, e sacie o mundo com tua bondade... Tenha piedade de nós, de nossas colheitas e de nossos frutos... Bendito sejas Tu, Eterno, Tu que abençoa os anos””. O autor não usa os termos de um lugar vivencial para esta oração. Todavia, menciona que “a oração judaica emana de agricultores confrontados pela realidade de uma natureza que depende da água e, então, da bênção do céu”. Haddad pergunta, também, pelo “perdão da ofensa?”; pela “preservação da tentação?”⁴¹⁸; pela libertação do mal?”. Ele explica que “estes pedidos se encontram esparsos em diferentes textos litúrgicos, mas reunidos na oração do deitar, assim apresentada no *Talmud*”.

Quem vai se deitar em seu leito recitar: “Bendito seja tu, Eterno meu Deus, que faz cair sobre os meus olhos o sono. [...] Faça com que eu me habitue a fazer o bem, que eu me habitue a não fazer o mal. Não permita vir a mim o pecado, a falta e a prova. [...] Que me domine a boa tendência e não a má tendência. [...] Bendito seja o Eterno que ilumina o mundo inteiro com a Sua glória”.⁴¹⁹

Ainda em diálogo com Haddad, nota-se a tentativa do autor em harmonizar as sete petições que aparecem no texto da oração do Pai Nosso, no Evangelho de Mateus, com aquilo que ele mesmo chamou de um “conjunto de solenidades de Israel”. Suas hipóteses de aproximação/harmonização não apresentam nenhum tipo de argumento consistente que facilmente as sustente.⁴²⁰ Ainda assim são bem interessantes e não devem ser imediatamente descartadas, o que indica a consideração de identificá-las como possíveis tradições anteriores ao texto.

(1) Primeira petição (v.9 ἁγιασθήτω τὸ ὄνομά σου - seja santificado o nome teu): “Proclamação do *Shabot*, primeira santificação do tempo, ruptura com nossas idolatrias mundanas”;

⁴¹⁵ HADDAD, 2017, p.114.

⁴¹⁶ HADADD, 2017, p.114.

⁴¹⁷ Haddad faz algumas observações a respeito da Amidá. “Se o Pai Nosso como o *Kaddish* começa pela santificação do Nome divino, uma diferença ocorre entre o Pai Nosso e a Amidá”. Esta, diz ele, “é recitada tanto comunitária como individualmente, ao passo que o *Kaddish* só é recitado na presença de um quórum de 10 homens”. Além disso, Haddad observa que a “Amidá começa por invocar o Deus dos patriarcas (1ª bênção), depois Deus, o soberano da natureza (2ª bênção), e somente na 3ª posição a santidade de Deus”. Em sua explicação a respeito desta estrutura, o autor cita que a “Amidá não se abre sobre a esperança do mundo realizado, mas sobre a História. Deus se revelou primeiramente aos patriarcas e pelos patriarcas; em segundo lugar Ele permanece o senhor do mundo que criou e, só a seguir, é que se invoca a Sua santidade para não (se) cair na idealização da História (Hegel) ou da natureza (Spinoza)” (HADDAD, 2017, p. 115).

⁴¹⁸ “Nós constatamos que o hebraico diz: “Não faça vir a mim” no lugar de “não me submeto à falta”. Mas há um mesmo apelo de ajuda divina aqui e lá” (HADADD, 2017, p. 115).

⁴¹⁹ TB BERAKOT 60B, *apud* HADDAD, 2017, p.115.

⁴²⁰ HADDAD, 2017, p.115-116.

- (2) Segunda petição (v.10 ἐλθέτω ἡ βασιλεία σου - venha o reino teu): “Proclamação do *Rosh Hashana*, ano novo, quando o shofar ressoa para proclamar a realeza de Deus e a libertação do homem”;
- (3) Terceira petição (v.10 γενηθήτω τὸ θέλημά σου, ὡς ἐν οὐρανῷ καὶ ἐπὶ γῆς - seja feita a vontade tua, como em (o) céu também sobre (a) terra): o céu): “Alusão ao *Rosh Hodesh*, novo mês, renovação da lua, paradigma da harmonia do céu e da terra, e primeira mitsvá dada a Israel (cf. Ex 12,1-2)”;
- (4) Quarta petição (v.11 τὸν ἄρτον ἡμῶν τὸν ἐπιούσιον δὸς ἡμῖν σήμερον· - o pão nosso o de cada dia dá a nós hoje): “*Pessah*, festa do pão ázimo, pão sem fermento”.
- (5) Quinta petição (v.12 καὶ ἄφες ἡμῖν τὰ ὀφειλήματα ἡμῶν, ὡς καὶ ἡμεῖς ἀφήκαμεν τοῖς ὀφειλέταις ἡμῶν· - e perdoa a nós as dívidas nossas, como também nós temos perdoado aos devedores nossos): “Declaração de *Kipur* que convida à união com Deus e à paz como o nosso próximo”⁴²¹;
- (6) Sexta petição (v.13 καὶ μὴ εἰσενέγκῃς ἡμᾶς εἰς πειρασμόν - e não conduzas a nós para (a) tentação): *Shavuot*, “festa do dom de nossa Torá” que define o bem e o mal. Investimento de nossa vontade contra as tentações do desejo (em particular através do Decálogo)”;
- (7) Sétima petição (v.13 ἀλλὰ ῥῦσαι ἡμᾶς ἀπὸ τοῦ πονηροῦ - mas livra a nós de o maligno): “Última aspiração de *Sucot*, festa das Cabanas, festa messiânica: Humanidade fraternal sob a proteção de Deus”.

Ainda em diálogo com alguns pesquisadores que apresentam seus trabalhos acerca do *Kaddish*, vale mencionar as anotações de Schlesinger.⁴²² Este autor não fez menção à relação entre a oração judaica e o Pai Nosso, mas fez várias considerações a respeito do significado e do contexto em que se desenvolveu e era rezada. Ele explica que *Kaddish* vem “do hebraico: consagração”. Em seguida destaca que é a “oração na qual são reiteradas a santidade de Deus e seu reino” e que é “rezada em idioma aramaico, exceto o último verso, em diversas partes dos serviços religiosos”. Schlesinger destaca ainda que o “*Kaddish* ocupa um lugar importante na liturgia. É a glorificação de Deus feita várias vezes em cada ofício”. Outras características apontadas pelo autor são:

- “O *Kaddish* dá uma característica coletiva à oração, pois sem o Minyan (quórum de dez judeus adultos) não se pode dizê-lo. O *Kaddish* dos órfãos é dito por eles na sinagoga durante 11 meses e um dia do ano de luto e no aniversário da morte do parente”.
- “Chama-se erroneamente o *Kaddish* de “reza dos mortos”, mas não há nada a respeito dos mortos no texto do *Kaddish*, no qual Deus é glorificado. Aceitamos seu julgamento e não deixamos de querê-lo por nos ter tirado entes queridos. Ele tem algum significado educativo na corrente da sobrevivência judaica”.
- “Reza-se o *Kaddish* pelos pais, filhos, irmãos, esposa, marido, ou por alguém que não tenha deixado parentes. O *Kaddish* foi adotado como prece dos enlutados, e justamente por isso é um laço entre as gerações anteriores e seus sucessores”.

⁴²¹ Ao trabalhar o texto da oração do Pai Nosso, Haddad se refere ao perdão de “ofensas” e não das “dívidas”. Optei pelo substantivo dívidas, em fidelidade ao texto mateano, entendendo que a relação proposta pelo autor com a “Declaração de *Kipur* que convida à união com Deus e à paz como o nosso próximo”, aplica-se perfeitamente a questão das dívidas. HADDAD, 2017, p. 115-116.

⁴²² SCHLESINGER, Hugo. Pequeno vocabulário do judaísmo. São Paulo: Paulinas, 1987. p. 130.

- “O judeu que guardava a tradição herdada dos pais sempre desejava um filho que pudesse rezar um *Kaddish*, um fiel continuador e transferidor do passado para o futuro”.
- “O *Kaddish* também é recitado antes de importantes preces durante os serviços religiosos e ao terminar o estudo de um *Parashá* (porção) da Torá ou de um *Massehet* do *Talmud*”.

Martín Nieto também pesquisou as tradições anteriores ao Pai Nosso e explica que a oração “não é um meteoro caído do céu, uma peça literária de Jesus Cristo, completamente original, absolutamente independente e única, sem paralelos na literatura judaica”⁴²³. Sua tese é de que “as fórmulas dessa oração estão presentes no Antigo e Novo Testamento, assim como na piedade dos judeus, conservada na *Mishná*”. Para o autor, o “Pai Nosso pode ser considerado como uma oração inteiramente judaica e inteiramente cristã”, já que possui “múltiplas coincidências com as orações rabínicas”. Como exemplo, cita a “*Tefilá* (oração) ou *Semoné Esreh* (as dezoito bênçãos, que todo israelita recitava três vezes ao dia, cf. Sl 55,18)”. Nieto sugere como quatro das dezoito bênçãos estão em relação com quatro das sete petições⁴²⁴.

<i>Semoné Esreh</i> Bênção N ^o	Texto	Pai Nosso
3	Tu és santo e teu nome é terrível	1 ^a petição
6	Pai nosso, perdoa-nos, porque pecamos	5 ^a petição
7	Livra-nos, por amor de teu nome	7 ^a petição
11	Reina sobre nós, ó Javé	2 ^a petição

Conclusão

A primeira impressão após as notas de pesquisa acima é o bom serviço prestado pela crítica da tradição aos estudos exegéticos. Trata-se de uma metodologia de simples manuseio que exige do pesquisador o trabalho de coletar e manusear as fontes adequadamente a ponto de sugeri-las como material de possível relação com os textos bíblicos em geral. No caso do texto da oração do Pai Nosso, a constatação de orações e textos da época, conforme dados da pesquisa, anteriores aos dias de Jesus e aos dias do autor do Evangelho de Mateus, parece não deixar dúvidas da influência de tradições na composição literária do texto/oração. Com isso, entretanto, vale a menção de que não é o interesse da pesquisa e da metodologia adotada diminuir a função e a

⁴²³ MARTÍN NIETO, Evaristo. *Pai Nosso: a oração da utopia*. Tradução de Alda da Anunciação Machado. São Paulo: Paulinas, 2001. p. 26-27.

⁴²⁴ Martín Nieto também menciona o *Kaddish* e a ele se refere como “a oração com que se concluía a reflexão sobre as Sagradas Escrituras nas sinagogas”. O texto da oração apresentada pelo autor aponta algumas variações em relação aos exemplos dados, quer por Stern, quer por Joachim Jeremias. “Santificado seja seu grande nome no mundo, que criou segundo sua vontade; que faça reinar seu reino e brote sua redenção; que se aproxime seu Messias e resgate seu povo...Glorificado e santificado seja o nome do Senhor, que deve renovar o mundo...Que seu reino domine em sua glória, seu resplendor e sua magnificência; que conduza a termo o reino de seu Messias, e que resgate seu povo em nossa vida e em nossos dias”. MARTÍN NIETO, 2001, p. 27.

importância do texto mateano. Antes, porém, validá-lo à luz de temas que constam na oração e que certamente estavam em evidência em épocas anteriores ao próprio Pai Nosso. Nos escritos de Mateus e nos lábios de Jesus estes mesmos temas, certamente, ganharam outra tonalidade hermenêutica, assunto, este, para pesquisas vindouras.

Referências

ALTER, Robert; KERMODE, Frank. *Guia literário da Bíblia*. Tradução de Raul Fiker. São Paulo: Unesp, 1997.

BÍBLIA. *Novo Testamento Interlinear: grego-português*. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2004.

BORING, Eugene. *Introdução ao Novo Testamento: história, literatura, teologia - Volume II: Cartas Católicas, Sinóticos e Escritos Joaninos*. Tradução de Adenilton Tavares Aguiar. Santo André: Academia Cristã; São Paulo: Paulus, 2015.

CARTER, Warren. *O Evangelho de São Mateus: comentário sociopolítico e religioso a partir das margens*. Tradução de Walter Lisboa. São Paulo: Paulus, 2002.

EVANS, Craig A.; PORTER JR, Stanley E. (ed.). *Dictionary of New Testament background: a compendium of contemporary biblical scholarship*. InterVarsity Press, 2010.

GABEL, John; WHEELER, Charles. *A Bíblia como literatura*. 2 ed. Tradução de Adail Ubirajara Sobral e Mana Stela Gonçalves. São Paulo: Loyola, 2003.

HADDAD, Philippe. *Pai Nosso: uma leitura judaica da oração de Jesus*. São Paulo: Fons Sapientiae, 2017.

JEREMIAS, Joachim. *Teologia do Novo Testamento*. Tradução de João Rezende Costa. São Paulo: Hagnos, 2008.

KONINGS, Johan. *Sinopse dos Evangelhos de Mateus, Marcos e Lucas e da Fonte "Q"*. São Paulo: Loyola, 2005.

LIMA, Maria de Lourdes Corrêa. *Exegese bíblica: teoria e prática*. São Paulo: Paulinas, 2014.

MAINVILLE, Odete. *A Bíblia à luz da História: guia de exegese histórico crítica*. São Paulo: Paulinas, 1999.

MATEOS, Juan. CAMACHO, Fernando. *Jesus e a sociedade de seu tempo*. Tradução de I.F.L. Ferreira. São Paulo: Paulus, 1992.

MARTÍN NIETO, Evaristo. *Pai Nosso: a oração da utopia*. Tradução de Alda da Anunciação Machado. São Paulo: Paulinas, 2001.

NOFFKE, Eric. Non indurci-non esporci: alla ricerca di un verbo. *Riforma*, mai. 2017.

OVERMAN, Andrew. *O Evangelho de Mateus e o judaísmo formativo: o mundo social da comunidade de Mateus*. Tradução de Cecília Camargo Bartalotti. São Paulo: Loyola, 1997.

RICHARD, Pablo. O Evangelho de Mateus: uma visão global e libertadora. *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana*, n. 27, p. 7-28, 1997.



- SCHLESINGER, Hugo. *Pequeno vocabulário do judaísmo*. São Paulo: Paulinas, 1987.
- STERN, David. *Comentário Judaico do Novo Testamento*. Tradução: VV.AA. São Paulo: Didática Paulista; Belo Horizonte: Atos, 2008.
- TANNENBAUM, Robert F. Jews and God-fearers in the Holy City of Aphrodite. *Biblical Archaeology Review*, v. 12, n. 5, p. 54-57, 1986.
- THEISSEN, Gerd. *A religião dos primeiros cristãos: uma teoria do cristianismo primitivo*. Tradução de Paulo F. Valério. São Paulo: Paulinas, 2009.
- VIELHAUER, Philip. *História da literatura cristã primitiva: Introdução ao Novo Testamento, aos Apócrifos e aos Pais Apostólicos*. Tradução de Ilson Kayser. Santo André: Academia Cristã, 2005.
- ZEILINGER, Franz. *Entre o céu e a terra: comentário ao Sermão da Montanha (Mt 5-7)*. Tradução de Paulo Ferreira Valério. São Paulo: Paulinas, 2008.